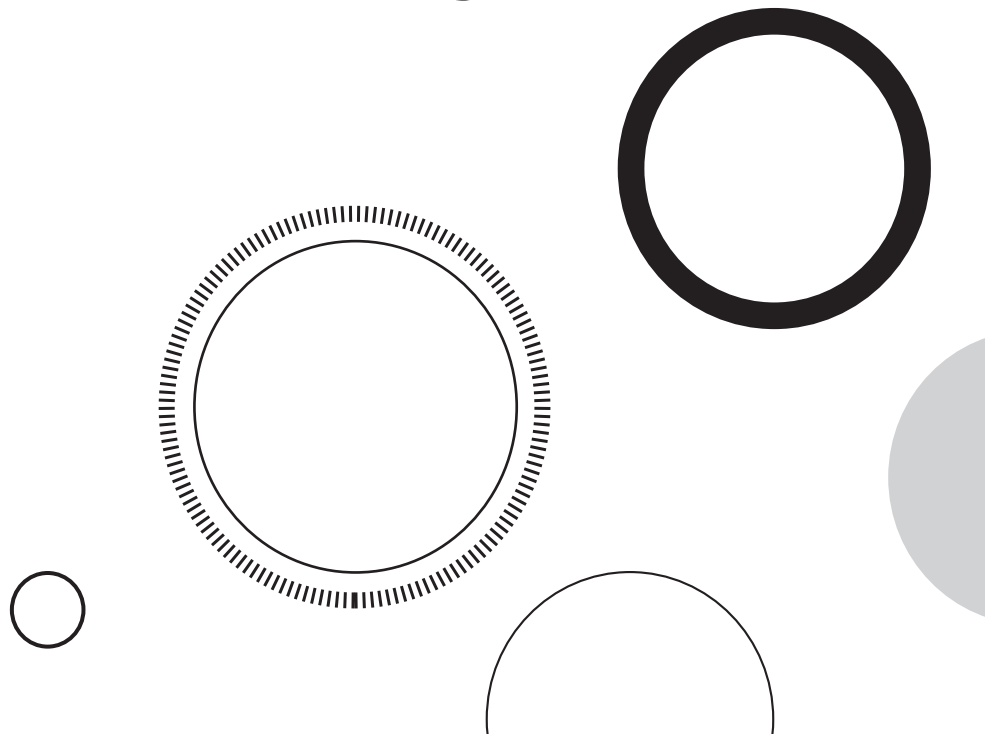


VISUALIDADES



É COMUM, QUANDO ESTOU CONVERSANDO, QUE EU ME VEJA INTER-
PONDO UM PENSAMENTO SOBRE O OUTRO, DE MODO DESORDENADO.

MEU PENDOR PARTICULAR PELOS PARÊNTESSES (SEM FALAR NAS ALTER-
AÇÕES [QUE DARIAM OUTRA HISTÓRIA]) ME LEMBRA MINHA AVÓ, ELA
QUE ADORAVA CONTAR HISTÓRIAS QUE SERPENTEAVAM
POR VÁRIAS LINHAS DO RACIOCÍNIO.

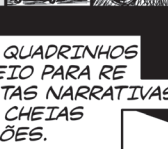
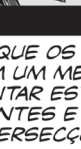
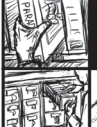


ELA ESTAVA FALANDO DE FULANO
E, AO CITAR A RUA EM QUE
FULANO MORAVA,

DISPARAVA A VISITAR SEUS MORA-
DORES, AFUNDANDO-SE EM CAMA-
DAS E CAMADAS DE HISTÓRIA.



(ELA TAMBÉM
ADORAVA PALA-
VRAS CRUZA-
DAS, QUE-
BRA-CABEÇAS...
HMMM...)



CREIO QUE OS QUADRINHOS
SERIAM UM MEIO PARA RE
PRESENTAR ESTAS NARRATIVAS
DIVAGANTES E CHEIAS
DE INTERSECÇÕES.

E ISSO ME FEZ
PENSAR...

QUE APARÊNCIA TEM
NOSSAS HISTÓRIAS
ANTES DE CONTARMOS?

OU COMO PODERÍAMOS
DESCREVER,

A FORMA DO
NOSSO PENSAR

LIMA REFLEXÃO

& SOBRE

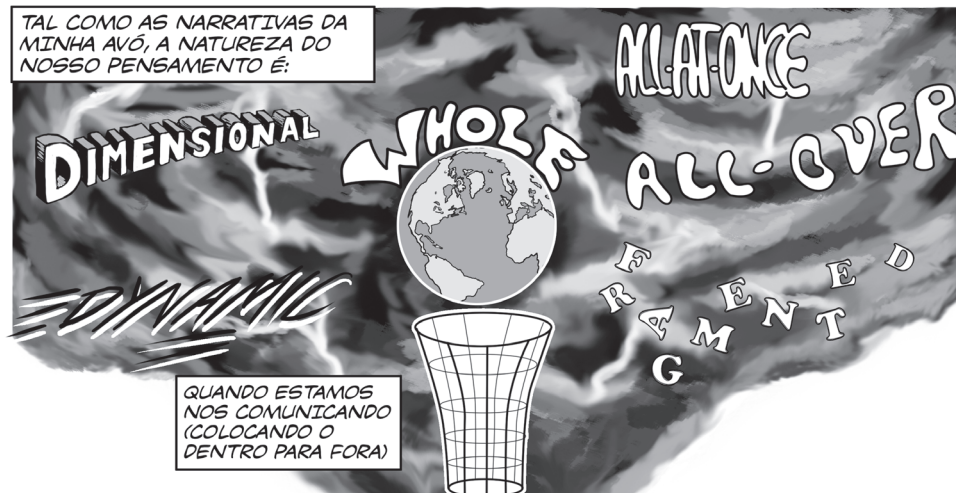
EM

QUADRINHOS

→ POR
NICK SOUSANIS!



TAL COMO AS NARRATIVAS DA MINHA AVÓ, A NATUREZA DO NOSSO PENSAMENTO É:



QUANDO ESTAMOS NOS COMUNICANDO (COLOCANDO O DENTRO PARA FORA)

CANALIZAMOS NOSSOS PENSAMENTOS POR UM CANAL,

E ALGUMA COISA FICA APLAINADA.

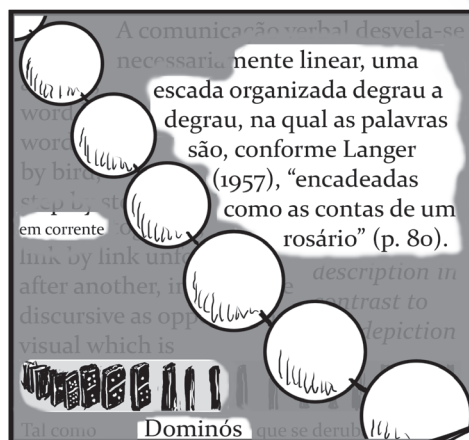


(ACONTECE UMA DISTORÇÃO)

O VERBAL

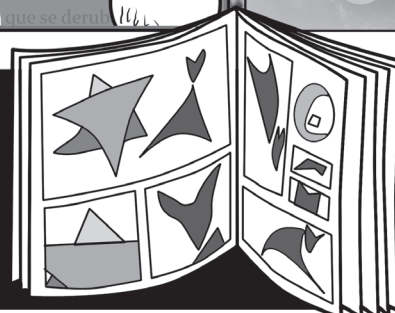
- À PARTE D -

O VISUAL

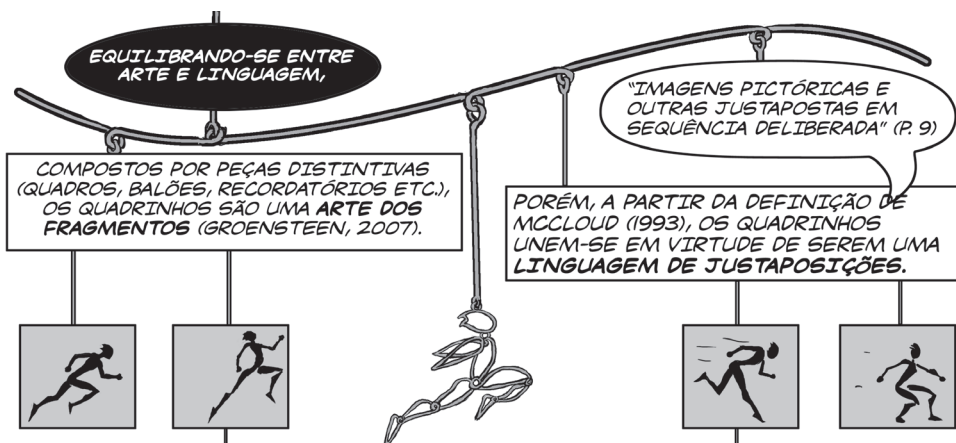


REF. KANDINSKY

OS QUADRINHOS FAZEM UMA PONTE SOBRE O ABISMO ENTRE AS DUAS MODALIDADES.



APESAR DE SUA FORMA ESTATICA E PLANA, OS QUADRINHOS TÊM GRANDE POTENCIAL PARA TRANSMITIR O PENSAMENTO DE MODO AMPLO E EM VÁRIAS CAMADAS.



SALTANDO O VAZIO ENTRE OS ELEMENTOS,

O LEITOR GRÁFICO GERA O SENTIDO DE FORMA ATIVA, ATRAVÉS DE UMA GESTALT DE FECHAMENTO - UNINDO O APARTADO E TRANSFORMANDO O ESTATICO EM CINÉTICO.

INSPIRADO EM CALDER

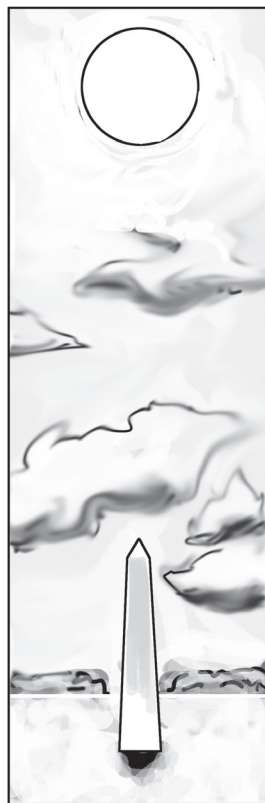
NÓS OS ANIMAMOS E NELES SOPRAMOS VIDA...

...O QUE FAZ DOS QUADRINHOS "FRIOS", NA TERMINOLOGIA DE MCLUHAN...

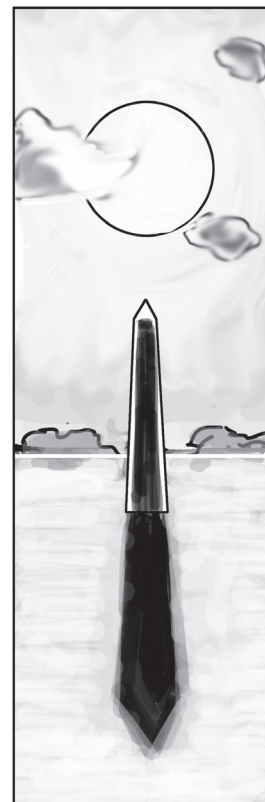
O AUTOR ITALIANO ITALO CALVINO (1993) CREDITAVA À NATUREZA PARTICIPATIVA DOS QUADRINHOS O ESTÍMULO DA SUA IMAGINAÇÃO; MESMO DEPOIS DE APRENDER A LER, ELE PREFERIA IGNORAR O TEXTO E DIVAGAR "DENTRO DAS IMAGENS E DA SEQUÊNCIA ENTRE ELAS" (P. 94).

EINSTEIN DISSE: "UM PORQUÊ PARA O TEMPO É QUE TUDO NÃO ACONTEÇA DE UMA VEZ SÓ."

PORÉM, NA PÁGINA DE QUADRINHOS - JÁ QUE ABSORVEMOS A COMPOSIÇÃO INTEIRA SIMULTANEAMENTE - TUDO ACONTECE DE FATO AO MESMO TEMPO.



QUADRINHOS, PORTANTO, TÊM NATUREZA DUAL - O SEQUENCIAL CODIFICADO NO SIMULTÂNEO...

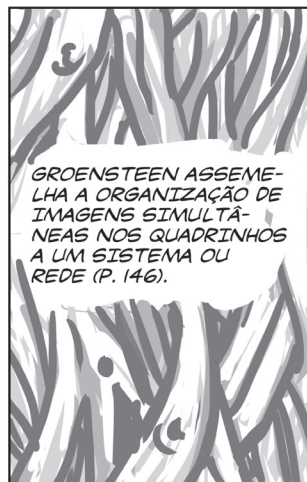


...O TEMPO QUE TRANSCORRE





QUADRINHOS
EXISTEM NUM
ESTADO DE TEMPO
ATEMPORAL; CHEIO DE
BURACOS - MAS
INTEGRAL.



GROENSTEEN ASSEME-
LHA A ORGANIZAÇÃO DE
IMAGENS SIMULTÂ-
NEAS NOS QUADRINHOS
A UM SISTEMA OU
REDE (P. 146).



É UM ESPAÇO DE
CONEXÃO, QUE NÃO
DEPENDE DA SE-
QUÊNCIA ENCADEA-
DA DE QUADRO EM
QUADRO...



...MAS SIM DE
ASSOCIAÇÕES QUE SE
ESPALHAM PELA
PÁGINA COMO TEIA,
ENTRELAÇANDO
FRAGMENTOS ATÉ
FORMAR UM TODO



CADA QUADRO
É, PORTANTO:



UNO COM O
TODO.



ESTE ECOSSISTEMA
FACILITA O ENTRELAÇAR
DE VISUAL E VERBAL.



HARVEY (1979) INSISTE
QUE OS QUADRINHOS
TÊM SUAS RAÍZES
EXATAMENTE NESTA
MISTURA -



NA INTERDEPENDÊNCIA
DE PALAVRA E IMAGEM.

O NORMAL É MANTER
PALAVRAS E IMAGENS
A UMA DISTÂNCIA
QUE SE CONSIDERE
SEGURO. E ISSO
ACONTECE HÁ
BASTANTE TEMPO.

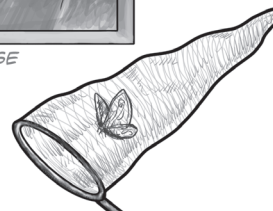


REF. PICASSO



REF. MATISSE

APARTADAS



MAS PEGAS PELA REDE DOS
QUADRINHOS, ELAS TÊM UMA
ÂNCORA FIRME.



representação

descrição

LADO E LADO, TAIS COMO
SÓCIAS IGUALITÁRIAS NA
PÁGINA DE QUADRINHOS,
IMAGENS E TEXTO UNEM-SE
EM RELAÇÃO DINÂMICA QUE
EXEMPLIFICA A NOÇÃO DE
MULTIMODALIDADE DE KRESS
(2001), NA QUAL O SENTIDO
RESIDE EM MODOS MÚLTIPLOS,
SENDO QUE TODOS OS MODOS
CONTRIBUEM
CONJUNTAMENTE PARA O TODO
(P. 1).

A INTERAÇÃO ENTRE
ELAS GERA UMA
ESPÉCIE DE
RESSONÂNCIA, NA
QUAL CADA UMA
INFORMA E APRIMORA
A OUTRA.

A COMPLEXIDADE E A
PROFUNDIDADE DO SENTIDO
AUMENTAM NÃO DE FORMA
CUMULATIVA, MAS MULTIPLICATIVA.

LEMOS, VEMOS,
VEMOS, LEMOS...

ENVOLVIDAS DE MANEIRA
CÍCLICA, AS PALAVRAS SÃO
INSUPERÁVEIS DAS IMAGENS
E AS IMAGENS SÃO
ESSENCIAIS ÀS PALAVRAS.

6

FIADOS E ENTRELAÇADOS, O VISUAL E O VERBAL COMBINAM-SE PARA FAZER SURGIR ALGO QUE É TRANSFORMADOR -

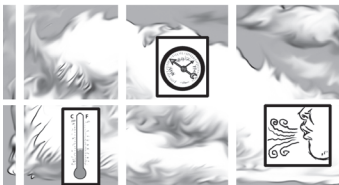
- ATINGINDO NÍVEIS ALÉM DO ESPECTRO DO QUE CADA UMA CONSEGUIRIA Atingir SOZINHA.

AO FAZEREM VISUAL E VERBAL SE REENCONTRAR, OS QUADRINHOS RESUMEM A MÁXIMA DO DESIGNER EDWARD TUFTE (1990): "PALAVRAS E IMAGENS DEVEM FICAR JUNTAS, GENUINAMENTE JUNTAS" (P. 116).

(UM ENCONTRO QUE ELE DIZ QUE SE DECRETOU PELA PRIMEIRA VEZ QUANDO GALILEU PUBLICOU AS PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES TELESCÓPICAS DOS ANÉIS DE SATURNO, EM 1613.)

ra di Saturno così , com
i perferri strumenti, doue n
così  non si distinguendo

A FUSÃO VISUAL-VERBAL DOS QUADRINHOS RESPONDE AO PROJETO DE ARNHEIM (1969) DE RECONECTAR O VER E O PENSAR.



UM TERMÔMETRO DA APENAS VISÃO PARCIAL DO CLIMA. PRECISAMOS DE OUTRAS MODALIDADES.*

UMA LINHA ÚNICA



LIMITA NOSSA VISÃO

O QUADRINHO UNE VÁRIAS LINHAS. É UM MEIO LITERAL DE PENSAMENTO LATERAL - A CRIATIVIDADE.

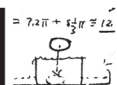
O VERBAL É SUPERPRIVILEGIADO COMO ÚNICA ROTA DO PENSAMENTO SÉRIO

HÁ OUTRAS ROTAS



PENSE QUE, NA FORMAÇÃO PARA AS ARTES, ELAS SÃO ESSENCIAIS

ROOT-BERNSTEIN (1985) DESCOBRIU QUE A FORMAÇÃO DOS CIENTISTAS COMO ARTISTAS CONTRIBUI PARA SUAS DESCOBERTAS



APRENDEMOS COM NOSSOS DESENHOS POR RETROALIMENTAÇÃO (SUWA & TVERSKY, 1997)

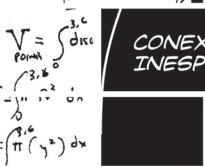
PARA CRIAR BONS PENSAADORES



VER POR OUTROS LADOS



OU SEJA, BONS OLHADORES



CONEXÕES INESPERADAS



GIRAR AS COISAS

CAPAZES DE ACESSAR TUDO QUE SOMOS E PODEMOS SER

desenho de D. Sousanis

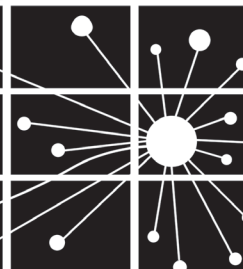
BRINCAR



ALÉM DO LINEAR

ACESSAR MÚLTIPLOS MODOS AMPLIA NOSSO PENSAR

A PERCEPÇÃO É INTEGRAL AO NOSSO FAZER SENTIDO.

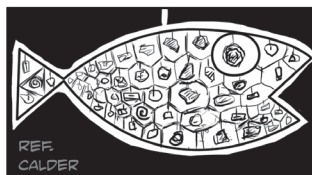


β * ref. Hayakawa (1944)

A PROMESSA E O PODER DOS QUADRINHOS.

COM SUA CAPACIDADE DE CRUZAR PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS, OS QUADRINHOS EXEMPLIFICAM A DEFINIÇÃO QUE MAX ERNST FAZ DE CRIATIVIDADE (GHISELIN, 1952): "O PAREAR DE DUAS REALIDADES QUE APARENTEMENTE NÃO SE PODE PAREAR, EM UM PLANO NO QUAL APARENTEMENTE NÃO CABEM" (P. 66).

ATRAVÉS DESTES PROCESSOS ANALÓGICOS, QUE STAFFORD (1999) SUGERE QUE SÃO INERENTEMENTE VISUAIS, UNIMOS O DISSIMILAR E FAZEMOS NASCER O NOVO.

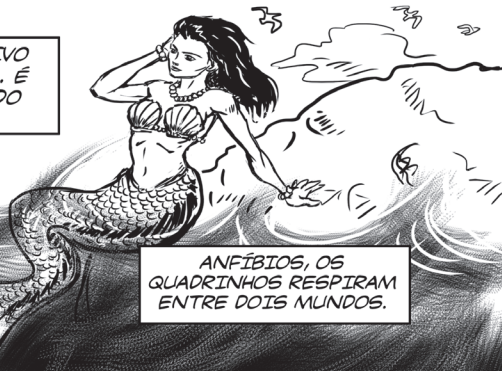


REF.
CALDER



REF.
MATISSE

COMO ELA ESCRIVE, "O LABOR CRIATIVO DE FAZER UMA SERIE COM LÓGICA... É UM SÍMBOLO DE COMO A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO FUNCIONA" (P. 29).



ANFÍBIOS, OS QUADRINHOS RESPIRAM ENTRE DOIS MUNDOS.

SOB SUA APARÊNCIA ACESSÍVEL, ENGANADORA, SUBJAZ AOS QUADRINHOS UMA ESTRUTURA QUE É Densa, MULTIMODAL, MULTIDIMENSIONAL...

UMA COMPOSIÇÃO DE NÓS E LACUNAS - CONECTADA DINAMICAMENTE,

QUE NÃO ESTÁ LONGE DO QUE SE DÁ DENTRO DA NOSSA MENTE.

BERTRAND RUSSELL LAMENTAVA: "NÃO TEMOS COMO CONSTRUIR UMA LINGUAGEM QUE EXPRESSARIA TODAS AS RELAÇÕES POR RELAÇÕES ANALÓGAS; POIS NÃO FICARIAMOS TENTADOS A INTERPRETAR A LINGUAGEM ERRONEAMENTE" (LANGER, 1957, P. 81).

QUEM SABE NOS QUADRINHOS, NESTA ARTE DE FRAGMENTOS, UMA LINGUAGEM DE JUSTAPOSIÇÕES,

(E PARÊNTESSES)

TENHAMOS ESTA LINGUAGEM - APROPRIADA PARA TRATAR DA COMPLEXIDADE DO NOSSO PENSAR E OPORTUNA PARA MAIORES EXPLORAÇÕES.

Referências

(nós percorridos na criação deste artigo)

Arnheim, R. Visual Thinking. Berkeley: University of California Press, 1969.

Bosman, Julie. "Picture Books No Longer a Staple for Children", New York Times, 8 de outubro de 2010, A1. Disponível em <http://www.nytimes.com/2010/10/08/us/08picture.html>.

Calvino, Italo. Six Memos for the Next Millennium. Nova York: Vintage International, 1993. [Edição brasileira: Seis propostas para o próximo milênio. 3ª ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.]

Ghiselin, Brewster (ed.). The Creative Process: A Symposium. Mentor Book. Nova York: New American Library, 1952. [Edição brasileira: O sistema dos quadrinhos. Trad. Érico Assis e Francisca Ysabelle Manriquez Reyes. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.]

Groensteen, Thierry. The System of Comics. Tradução de Bart Beaty e Nick Nguyen. Jackson: University Press of Mississippi, 2007.

Harvey, Robert C. "The Aesthetics of the Comic Strip". Journal of Popular Culture 12, n. 4 (1979): 640-652.

Hayakawa, Samuel Ichiye. "The Revision of Vision" (ensaio introdutório). In: Kepes, Language of Vision.

Hoffman, Donald D. Visual Intelligence: How We Create What We See. Nova York: W. W. Norton, 1998. [Edição brasileira: Inteligência visual: como criamos o que vemos. Trad. Denise Cabral de Oliveira. Rio de Janeiro: Campus, 2001.]

Kosslyn, Stephen M., William L. Thompson e Giorgio Ganis. The Case for Mental Imagery. Nova York: Oxford University Press, 2006.

Kress, Gunther, Carey Jewitt, Jon Ogborn e Charalampos Tsatsarelis. Multimodal Teaching and Learning: The Rhetorics of the Science Classroom. Londres: Continuum Publishing, 2001.

Langer, S. K. Philosophy in a New Key: A Study in the Symbolism of Reason, Rite, and Art. 3a ed. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1957.

Lewis, David. Reading Contemporary Picturebooks: Picturing Text. Londres: Routledge Falmer, 2001.

McCloud, S. Understanding Comics: The Invisible Art. Northampton, MA: Tundra, 1993. [Edição brasileira: Desvendando os quadrinhos: história, criação, desenho, animação, roteiro. 2ª ed. Trad. Helcio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M. Books, 2005.]

Root-Bernstein, Robert S. "Visual Thinking: The Art of Imagining Reality". Transactions of the American Philosophical Society n.s. 75, n. 6 (1985): 50-67.

Suwa, Masaki e Barbara Tversky. "What Do Architects and Students Perceive in Their Design Sketches? A Protocol Analysis". Design Studies 18 (1997): 385-403.

Tufte, Edward R. Envisioning Information. Cheshire, CT: Graphics Press, 1990.

Ware, Colin. Visual Thinking for Design. Burlington, MA: Morgan Kaufmann, 2008.

10

NSOLISANIS@GMAIL.COM
WWW.SPINWEAVEANDCLUT.COM

NS
10/11